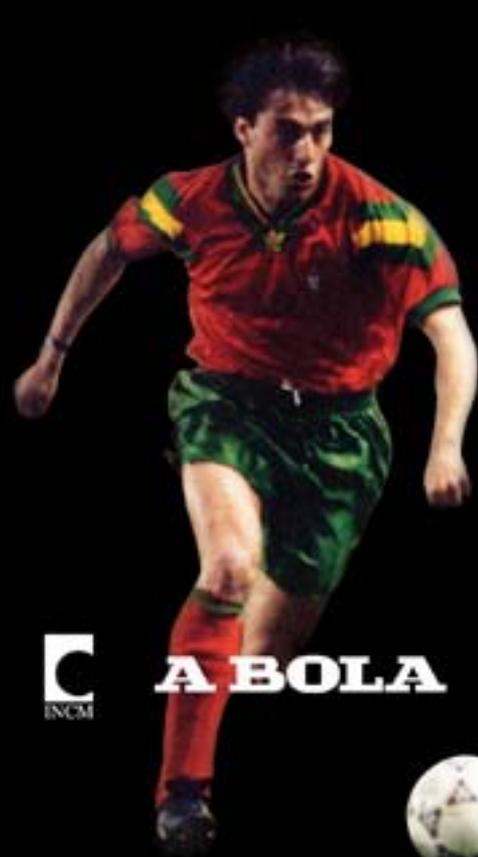
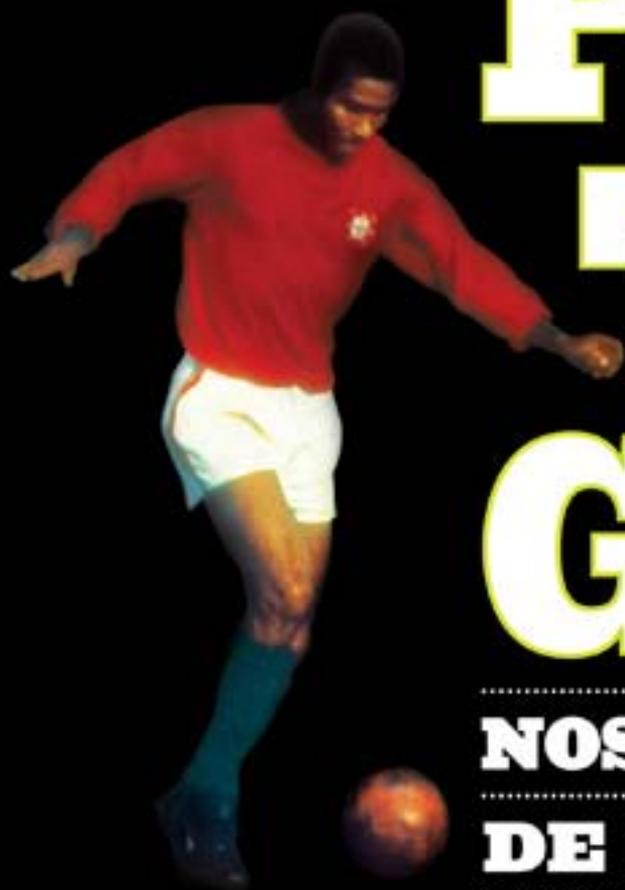


POR TU GAL

NOS MUNDIAIS
DE FUTEBOL



A BOLA

1966

1986

2002

2006

2010

PORTUGAL NOS MUNDIAIS DE FUTEBOL



ÍNDICE

A SELECÇÃO É UMA EQUIPA ANTÓNIO MEGA FERREIRA

MUNDIAL 1966 INGLATERRA P.10

NADA SE COMPARA A UM MUNDIAL JOSÉ AUGUSTO

MUNDIAL 1986 MÉXICO P.48

O CASO SALTILLO VÍTOR SERPA

MUNDIAL 2002 COREIA DO SUL/ JAPÃO P.80

TUDO NOS CORREU MAL LUÍS FIGO

MUNDIAL 2006 ALEMANHA P.110

HAVIA AMOR ENTRE A SELECÇÃO E A POPULAÇÃO LUIZ FELIPE SCOLARI

MUNDIAL 2010 ÁFRICA DO SUL P.156

UM MUNDIAL FANTÁSTICO CARLOS QUEIROZ

TREINADORES FASES FINAIS P.200

MUNDIAIS 1934/38/50/54 58/62/70/74/78/82/90/94/98 P.208



Imprensa Nacional-Casa da Moeda
Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa
editorial.apoiocliente@incm.pt
www.incм.pt

Portugal nos Mundiais de Futebol

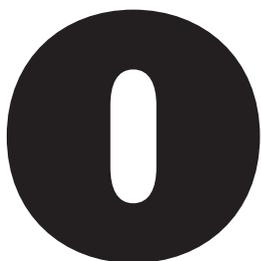
© Imprensa Nacional-Casa da Moeda/A Bola
Textos: Rogério Azevedo
Dados estatísticos: Ivo Barrela
Design gráfico: Jorge Silva/Silva!designers
Fotografia: ASF
Coordenação editorial e impressão: INCM

Maio de 2010
Tiragem: 25 000 exemplares
ISBN: 978-972-27-1863-9
Depósito Legal: 310615/10
Código: 1017390



ABERTURA

Estêvão de Moura *Presidente da INCM*



FUTEBOL TEM, EM PORTUGAL, uma importância social expressiva. Tema de polémicas, de disputas febris, este desporto consegue, no entanto, no Portugal profundo que, com frequência, não tem acesso a outros bens culturais, ser um factor de agregação das comunidades. Neste quadro, aquilo que os economistas do desporto denominam «in-

dústria do futebol», não faz qualquer sentido.

O futebol criou alguns dos mitos maiores do imaginário colectivo português (muitos retratados nesta obra) e gerou e gera fenómenos que permitem explicar comportamentos sociais colectivos que sem esse contributo seriam menos bem compreendidos.

Parte substancial da história recente do País, sobretudo a partir da segunda metade do século XX, está bem espelhada no que foi a crescente importância do futebol e dos seus principais protagonistas (dirigentes desportivos, jogadores, adeptos e até responsáveis políticos, que o exploraram para fins de propaganda).

O futebol foi eleito, durante largo tempo, no jargão popular, como um importante marco ideológico, o que afectou a sua imagem junto da elite intelectual (mas não junto da económica ou política), que ainda hoje, com importantes excepções, convive mal com este fenómeno.

Mas nem por isso o futebol deixou de crescer em importância social e, ultrapassando todas as vicissitudes e segmentações clubistas e bairristas, transformou-se, em momentos particulares (de que o Europeu de 2004 é o cume mais alto), num agregador do sentimento nacional, como houve poucos nas últimas décadas.

Quando a INCM decidiu, no quadro da sua responsabilidade social e editorial, promover a edição de uma obra sobre as participações da equipa nacional de futebol nos mundiais da modalidade e contactou a Direcção de *A Bola*, na pessoa do seu director, Vítor Serpa, com a intermediação do presidente do Comité Olímpico de Portugal, Vicente Moura, que facilitou o contacto, quis marcar uma linha, em termos

editoriais, que além de inscrita no seu plano de actividades nesta área, aponta no sentido de, enquanto editora pública, também publicar obras que vão ao encontro do sentir dos cidadãos e que tocam fundo a idiosincrasia nacional.

O trabalho feito pela equipa de *A Bola* ficará não só na história editorial da INCM mas também na história da edição em Portugal como um marco, já que nenhuma iniciativa deste tipo tinha sido realizada antes.

Pelas páginas do livro perpassam glórias que, mais do que do futebol, são importantes figuras de Portugal, e são apresentadas «histórias» que correm no imaginário de muitos portugueses e fazem parte da nossa cultura.

O prefácio de António Mega Ferreira, cuja publicação nos honra particularmente, dada a sua condição, por um lado, de intelectual prestigiado e, por outro, de responsável pela gestão de importantes entidades públicas, traduz de forma exemplar a importância que o futebol e a nossa equipa nacional têm em termos sociais.

Este livro não ficaria, porém, completo sem os testemunhos de José Augusto, Luís Figo, Luiz Felipe Scolari e Carlos Queiroz, figuras centrais da história da Selecção Nacional, a quem deixamos o nosso agradecimento.

Nos moldes em que é efectuada, esta é a obra de mais ampla divulgação efectuada pela INCM, ainda que com dupla chancela, e aquela que visa um público mais alargado. A parceria com *A Bola* representa, por seu turno, o reconhecimento da função desempenhada pelo jornal no plano cultural, onde se assume como uma instituição cujo papel ultrapassa largamente o quadro meramente desportivo, e se constitui como um referencial de cidadania.

Por último, uma referência à equipa nacional de futebol, aos seus jogadores, ao seleccionador nacional, Carlos Queiroz, e à sua equipa técnica, pela participação no Mundial da África do Sul, bem como à Federação Portuguesa de Futebol, a quem desejamos uma feliz prestação nesse evento desportivo, que possa empolgar os Portugueses e ficar na história do desporto em Portugal como um marco que o futuro destaque.



A SELECÇÃO É UMA EQUIPA

António Mega Ferreira *Escritor*

H

OUVE UM TEMPO EM QUE A Selecção Nacional de futebol era O repositório de todas as frustrações e complexos de um país que tinham ensinado a ser pequenino, à margem dos outros e de si próprio. Foi o tempo da minha infância, ainda assombrada pela memória, cantada

por Beatriz Costa, dos 9-0 com que a Espanha nos mimoseara na eliminatória de 1934 do Campeonato do Mundo. Quando eu tinha uns 5 ou 6 anos, andava-se a curar a resaca de duas derrotas escandalosas: 10-0 com a Inglaterra, em 1947, e 9-1 com a Áustria, em nova eliminatória do Mundial, em 1953. Dificilmente se podia continuar a chamar à Selecção Nacional «a equipa de todos nós», como, uma vez, em tempos de voluntarismo heróico, a crismara o jornalista Ricardo Ornellas. Por essa altura, a equipa de Portugal atingia contra a África do Sul, em jogo sem história, a sua 21.^a vitória, num total de 76 partidas disputadas desde o longínquo dia de 1921 em que se estreou a camisola das quinas.

Foi a partir dos anos sessenta que esta história infeliz começou a mudar. É certo que, durante algum tempo, a selecção ainda continuou a averbar algumas «vitórias morais» (que correspondiam a efectivas derrotas), sobretudo quando jogava fora. Como quase não havia televisão, não tínhamos meios para aferir a duvidosa «superioridade» que tornava os nossos jogadores, mal formados, mal treinados e mal dirigidos, em titãs da imprensa, a alimentar o nosso estatuto oficial de «orgulhosamente sós». Mas a geração que despontou, sobretudo no Benfica, no princípio da década de sessenta, «deu muitas alegrias aos portugueses», como era mister em momento histórico de aperto internacional e de penúria interna. Estive no Jamor nos primeiros meses de 1965, quando uma equipa em que pontificavam Coluna, Jaime Graça, Simões, Eusébio e Torres, cilindrou a Turquia por 5-1, e acompanhei, com entusiasmo partilhado de Norte a Sul, a primeira qualificação de Portugal para uma

fase final do Campeonato do Mundo, a que se realizou em Inglaterra em 1966.

Hei-de ficar sempre com a amarga sensação de que «um pouco mais de sol» teria permitido àquela extraordinária equipa nacional melhor do que o 3.^o lugar que veio a alcançar. Quando a Coreia do Norte fez 3-0, fui-me embora para o jardim, a fumar às escondidas um cigarro de decepção. Só voltei quando me foram dizer que Eusébio tinha reduzido para 2-3. Depois, foi a festa que se sabe. Aqueles «Magriços» (o *marketing* começava a atacar...) foram, nesse tempo e nos anos seguintes, a «equipa de todos nós». Os ponteiros do relógio começaram a andar no sentido correcto: entre 1965 e 1972, Portugal jogou 51 partidas, tendo ganhado 28: marcou 86 golos e sofreu 45. A coluna do haver era, pela primeira vez, mais gorda que a do dever...

E, no entanto, foi preciso esperar mais vinte anos para que a selecção nacional voltasse a qualificar-se para uma fase final do Campeonato do Mundo. Foi em 1986, mas Salltillo ficará para sempre menos como a celebração de uma conquista do que como o sintoma de um mal-estar crescente no futebol português. Era um tempo de viragem, que já não se compadecia com amadorismos e compadrios. E seria a «geração de 90», em grande parte formada pelos juniores que ganharam dois títulos mundiais, em 1989 e 1991, que viria cumprir as esperanças abertas pelos «heróis» de Inglaterra.

Em 2010, Portugal vai jogar a sua terceira fase final consecutiva de um Mundial de futebol. Pelo meio, ficou um título europeu que nos escapou por uma unha negra. Como os mínimos subiram e as expectativas estão cada vez mais altas, espera-se de Portugal não que «perca por poucos» ou que conquiste uma «vitória moral» (essas expressões foram há muito varridas do léxico futebolístico nacional), mas que iguale, pelo menos, o que fez há quatro anos na Alemanha: que seja uma das melhores selecções nacionais a actuarem, hoje em dia, nos campos de futebol de todo o mundo. Para isso, é necessário que a selecção seja uma equipa: em primeiro lugar, pelos que jogam; depois, por todos nós.

1966 INGL



A T E R R A

